A LINGUAGEM QUE CAPTURA: MEMÓRIA, HERMENÊUTICA E AUTORITARISMO ESCRAVISTA EM PAI CONTRA MÃE, DE MACHADO DE ASSIS

Raquel Pereira dos Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5574-1410
Endereço eletrônico: megquel@msn.com

Palavras-chave: Machado de Assis; memória; Paul Ricoeur; escravidão; hermenêutica.

INTRODUÇÃO

O conto "Pai contra Mãe", publicado por Machado de Assis em *Relíquias de casa velha*, em 1906, constitui uma narrativa decisiva para compreender como a literatura brasileira reinscreve a memória da escravidão e expõe sua racionalidade autoritária. Embora posterior à Lei Áurea, o texto retorna ao Brasil oitocentista para encenar a captura de Arminda, mulher escravizada e grávida, por Cândido Neves, homem livre pobre que sobrevive caçando pessoas fugidas. Assim, a narrativa não apenas representa um fato histórico, mas interpreta os dispositivos sociais, morais e simbólicos que transformaram a violência em prática cotidiana e legitimada.

O problema que orienta este estudo é: de que modo Pai contra Mãe configura literariamente a memória da escravidão e revela os mecanismos que sustentaram o autoritarismo escravista no Brasil? Parte-se da hipótese de que o conto apresenta a escravidão como estrutura de sentido que atravessa a família, o trabalho, a propriedade, a maternidade e a hierarquização do valor da vida. O objetivo geral é analisar como a narrativa configura uma memória crítica do autoritarismo escravista. Os três objetivos específicos, articulados aos eixos de resultados e discussão, são: interpretar a captura de pessoas escravizadas como ação configurada pela intriga, nos termos de Ricoeur (2007; 2010); examinar Arminda como rastro de memória ferida e como figura dos silêncios e das memórias subterrâneas, conforme Pollak (1989); e compreender Cândido Neves pela noção de identidade narrativa, articulada à lógica do favor e da dependência analisada por Schwarz (2000a; 2000b).

A reflexão fundamenta-se na hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur, sobretudo nas categorias de configuração da intriga, tríplice mimese, identidade narrativa, rastro, testemunho, esquecimento e dever de memória. Em Tempo e narrativa, Ricoeur (2010) permite compreender que a intriga configura ações dispersas em uma totalidade de sentido.

Em *A memória, a história, o esquecimento*, Ricoeur (2007) problematiza memória, esquecimento, rastro e testemunho. O estudo dialoga ainda com Pollak (1989), por meio das noções de silêncios, não-ditos e memórias subterrâneas; com Schwarz (2000a; 2000b), pela lógica do favor e da dependência; e com Bosi (1999), pelo olhar machadiano voltado às ambiguidades morais da vida social.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e hermenêutica, cujo *corpus* é o conto Pai contra Mãe. O procedimento analítico segue a hermenêutica fenomenológica ricoeuriana, considerando o texto literário como mediação pela qual a experiência humana é prefigurada, configurada pela intriga e refigurada pelo leitor. A análise não se limita ao levantamento temático, pois busca compreender como o enredo organiza ações, agentes, conflitos e efeitos éticos relacionados à escravidão.

A leitura foi organizada em três movimentos: contextualização do conto no interior da memória histórica da escravidão; análise da configuração da intriga, com atenção aos instrumentos de coerção, à figura de Cândido Neves, à aparição de Arminda e ao desfecho da captura; e interpretação dos efeitos memorialísticos da narrativa. Como operadores terminológicos, mobilizam-se configuração da intriga, tríplice mimese, identidade narrativa, rastro, testemunho, esquecimento e dever de memória (Ricoeur, 2007; 2010); silêncios, não-ditos e memórias subterrâneas (Pollak, 1989); favor, dependência e relação entre forma literária e processo social (Schwarz, 2000a; 2000b); e olhar machadiano sobre as ambiguidades morais da sociedade (Bosi, 1999).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise indica que Machado de Assis constrói a memória da escravidão por meio de uma linguagem contida, irônica e criticamente precisa. O início do conto é exemplar, pois apresenta a escravidão a partir de seus aparelhos e ofícios, isto é, de seus instrumentos materiais e de suas funções sociais. A violência aparece como técnica, rotina e administração do corpo escravizado:

> A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado (Assis, 1906, não paginado).

A citação evidencia que o horror escravista não se restringia ao castigo excepcional, mas se organizava em dispositivos socialmente aceitos. A partir de Ricoeur (2007), pode-se afirmar que o conto mobiliza rastros e testemunhos de uma memória ferida, fazendo da narrativa um trabalho de memória diante do esquecimento. Pollak (1989) contribui para essa leitura ao destacar que certas experiências sobrevivem como silêncios, não-ditos e memórias subterrâneas.

Cândido Neves concentra a contradição central do conto. Ele é pobre, instável no trabalho e ameaçado pela possibilidade de entregar o filho à roda dos enjeitados. Entretanto, sua precariedade não o coloca fora da engrenagem escravista; ao contrário, torna-o (a)gente dela. Pela categoria ricoeuriana de identidade narrativa, sua ação é compreendida na intriga que articula necessidade, escolha e responsabilidade. A leitura de Schwarz (2000a; 2000b) permite relacionar essa ambiguidade à lógica do favor, à dependência pessoal e à mediação entre forma literária e processo social.

Arminda, por sua vez, aparece como figura de memória silenciada. Sua voz é breve, mas seu corpo grávido, perseguido e capturado interrompe a normalidade da ordem escravista. A cena final torna explícita a hierarquia entre vidas que podem ser protegidas e vidas que podem ser sacrificadas:

> No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou. O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à Rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre (Assis, 1906, não paginado).

O trecho revela que a captura não é mero acontecimento narrativo, mas cena de interpretação ética da história. A maternidade de Clara e a paternidade de Cândido são preservadas mediante a violência contra Arminda e contra o filho que ela carrega. Desse modo, o título “Pai contra Mãe” sintetiza uma colisão moral produzida por uma sociedade que opõe sujeitos vulnerabilizados e transforma sofrimento alheio em condição de sobrevivência.

Em termos ricoeurianos, a cena refigura a experiência do leitor, pois transforma o episódio em questão ética sobre responsabilidade, rastro e dever de memória.

Os resultados mostram, portanto, que Pai contra Mãe não apenas tematiza a escravidão, mas desvela sua gramática social. Machado de Assis expõe a barbárie legalizada sem recorrer a explicações externas ao enredo: a própria configuração da intriga revela como a violência se infiltra na família, no trabalho, na moralidade e na linguagem. À luz de Bosi (1999), esse olhar machadiano alcança as zonas ambíguas da vida social, nas quais a brutalidade aparece incorporada às práticas ordinárias. Assim, o conto transforma a literatura em espaço de memória crítica e de resistência ao esquecimento.

CONCLUSÕES

Em caráter parcial, *Pai contra Mãe* configura uma narrativa de memória crítica sobre o autoritarismo escravista brasileiro. Pela hermenêutica fenomenológica de Ricoeur, a configuração da intriga, a identidade narrativa e a refiguração do leitor permitem compreender a captura de Arminda como cena que reabre rastros de uma violência histórica ainda não pacificada. O desafio de estudar a memória, nesse corpus, está justamente em lidar com restos, silêncios, não-ditos e memórias subterrâneas que não se oferecem como relato completo: Arminda pouco fala, mas seu corpo, sua fuga, sua maternidade e sua perda funcionam como marcas de uma experiência que a ordem escravista tentou reduzir ao esquecimento. Daí a necessidade desta pesquisa: interpretar Machado de Assis como escritor que não apenas representa a escravidão, mas exige do leitor uma tomada ética diante de seus vestígios e permanências.

Por se tratar de investigação em andamento, a conclusão abre novas perguntas e perspectivas de análise. Até que ponto a narrativa machadiana desloca a oposição simples entre vítima e algoz ao inscrever Cândido Neves na lógica do favor e da dependência? De que modo o silenciamento de Arminda pode ser aprofundado como problema de testemunho, esquecimento e dever de memória? Em que medida a maternidade violentada no conto permite ampliar a discussão sobre corpo, propriedade e hierarquização das vidas na sociedade escravista? As próximas etapas da pesquisa consistem em aprofundar o diálogo entre Ricoeur, Pollak, Schwarz e Bosi, observando como a forma literária machadiana transforma a memória da escravidão em problema ético, histórico e interpretativo. Assim, mais do que encerrar a discussão, este resumo aponta para a necessidade de investigar os modos pelos quais a

literatura conserva, problematiza e refigura marcas de violência ainda atuantes na memória social brasileira.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de. **Relíquias de casa velha**. Rio de Janeiro: Garnier, 1906. Disponível em: https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/24_938f74988ddbf449047ecc5c5b575985. Acesso em: 8 jun. 2026.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis**: o enigma do olhar. São Paulo: Ática, 1999.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2278/1417/0. Acesso em: 8 jun. 2026.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa:** a intriga e a narrativa histórica. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. v. 1.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas:** forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000a.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo:** Machado de Assis. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000b.